

A PRESENÇA VIVA

Sister Devamata

I.

O dia está chegando ao fim. O silêncio da hora do crepúsculo cai sobre meu espírito. As sombras do anoitecer descem sobre mim. Aquilo que agora escrevo, pensei em deixar para sempre oculto. Sinto-me constrangida em escrever experiências tão sagradas e pessoais, que jamais disse ou comentei, exceto a uma pessoa; mas aquilo que diz respeito aos Grandes Seres da Terra, não pode ficar oculto. Pertence a todos os seres humanos, não a um só indivíduo.

Recordo-me quando, há alguns anos atrás, encontrei uma carta falando sobre São Paulo. Havia sido escrita por um obscuro cristão a um desconhecido seguidor da nova fé. Dizia de como o escritor havia esperado durante todo o dia no portão da cidade, vigiando ansiosamente, no aguardo da chegada do pregador nazareno. Ele esperava vê-lo entrar, uma figura imponente, montado num belo animal. Profundo foi seu desapontamento e surpresa ao perceber, na multidão, uma pequena figura com as pernas tortas, nariz aquilino e vesgo. Esse era o grande Paulo!

O autor da carta foi completamente esquecido, mas a figura do poderoso discípulo do Cristo crucificado permanece em relevo. Assim sendo, espero que o que se veja na Presença Viva seja esquecido e apenas permaneça a Presença, para dar testemunho à glória e a liberdade de quem brilhou através Dele.

Minha tarefa não foi escolhida por mim. Um chamado, repetidas vezes, tanto interno como externo, compeliu-me a executá-la. Uma carta de Swami Shivananda, por muitos anos o Presidente da nossa Ordem, também deu à tarefa insistência e definição. Diz a carta: “Minha querida Sister Devamata”:

Fiquei tão contente em receber sua carta de 20 do corrente, dia seguinte ao 13º aniversário de sua entrada no trabalho. Sua carta fala tanto do trabalho e estou feliz em sentir quão desinteressadamente você o ama. Sei que em grande parte, você esteve nele e ainda está com o corpo frágil e cansado, mas com um espírito que está ficando cada vez mais forte e com convicção. Sua ligação com o trabalho não é de uma existência de 30 anos, mas penso que toda sua existência está relacionada a ele. Os pioneiros não nascem, eles surgem com o nascimento de um movimento. O palco fica preparado; atrás está a cortina do nascimento. Conforme ela se levanta, os personagens surgem um por um para desempenharem seus papéis em diferentes climas e países. Você é um desses personagens. Seus traços mais marcantes são: seu coração os impele a se juntarem ao movimento e eles participam de suas dificuldades e das alegrias com total fé na causa. Assim, para minha mente, a sua associação com o trabalho e com Paramananda, teve lugar pela vontade de Sri Ramakrishna. Você é uma pessoa abençoada. Você viverá enquanto seu nome for honrado aqui.”

Aqueles que falam sobre uma manifestação Divina são simples cronistas, não criadores de literatura. Seu dever é preservar a tradição dos maravilhosos Seres de Deus que podem viver nos corações dos homens. Esta é a minha intenção em transmitir essas visões. Não foram visões psíquicas, não foram sonhos, não foram imaginação, nem foi o Grande Ser que surgiu nessas visões como uma aparição. Era uma presença pulsante, uma personalidade viva. O calor e a radiação deste Ser eram claramente perceptíveis e em meu ser também, quando veio a Presença e ocorreu um brilho peculiar que não estava acostumada a sentir. Foi como se uma luz brilhante refulgisse em todo o espaço de minha mente e meu coração e até mesmo em meu corpo. Algumas vezes

o brilho precedia a Presença, como se para anunciar sua aproximação e algumas vezes chegava junto com Ela; mas sempre sua influência perdurava depois de horas e até mesmo por vários dias.

Se os Profetas e Sábios da antiga Índia, ou os místicos da Europa medieval, ou todos aqueles que viram ou ouviram, houvessem trancado suas visões nos recessos profundos de seus corações e as tivessem mantido em segredo, o mundo estaria incalculavelmente mais pobre. Mesmo o testemunho de devotos menores tem valor para fortalecer a fé e dar-lhes coragem para seguir em frente.

Assim, agora, quando o sol se aproxima do seu crepúsculo, quebro o silêncio de anos e divido essa confiança espiritual de minha vida, com a esperança de que, através dela, outros possam obter uma realização mais profunda da grande espiritualidade e da misericórdia ilimitada de um dos maiores dentre os grandes Seres que vieram a Terra como Salvadores dos homens.

A Santa Mãe Sri Sarada Devi sobreviveu a Sri Ramakrishna por muitos anos. Quando, depois de seu falecimento, ela estava tirando seus ornamentos e substituindo seu sari bordado para envolver-se no sari liso e sem enfeites de uma viúva, Sri Ramakrishna surgiu ante ela e disse com reprovação: "O que você está fazendo? Você acredita que eu estou morto?". Silenciosamente, ela recolocou os ornamentos em seus braços e passou a utilizar novamente o seu sari anterior. Sua viuvez havia terminado.

As almas menores também receberam provas desta Presença Viva. Falarei agora de algumas delas. Eu havia me afastado da vida agitada de N.York para a atmosfera mais calma de Boston e estava passando meus dias em reclusão e silêncio. Uma tarde, quando me encontrava sozinha em meu quarto, pensando sobre meu futuro incerto, de súbito duas figuras surgiram diante de mim. O rosto de um deles brilhava com um sorriso supraterrâneo, que parecia derramar uma

radiação sobre todo meu ser. Em tom tranqüilo ele falou essas palavras: "Não se preocupe. Você tem um trabalho a fazer para mim". Então ambas as figuras desapareceram, mas o sentimento de suas presenças persistiu durante muitos dias.

No princípio da primavera, voltei a N.York e logo depois me tornei membro da Vedanta Society, sendo colocada como encarregada do Depto. de Publicações. Naquela época os livros eram impressos em rápida sucessão; minhas horas estavam tomadas e eu estava em constante consulta com o chefe do meu trabalho. Uma tarde ele me chamou ao seu escritório para conversar sobre uma nova publicação. Quando entrei no escritório, meus olhos caíram sobre uma foto pendurada na parede. Fiquei estática, espantada. Era a figura que eu havia visto em Boston. Caminhei rapidamente em direção à lareira e perguntei de maneira quase abrupta: "De quem é esta foto?". O chefe respondeu calmamente: "É meu Mestre, Sri Ramakrishna".

Um ano se passou. O dia de aniversário de nascimento de Sri Ramakrishna chegou. Foi comemorado de maneira muito austera na sociedade Vedanta de N.York. Dos 50 ou 60 membros que assistiram a comemoração, raros foram os que haviam comido ou bebido desde antes do pôr-do-sol do dia anterior, até depois do pôr-do-sol do dia do aniversário. Isso foi feito, não para mortificar a carne, mas para dar maior liberdade ao espírito. Durante o dia todo, nos sentamos no chão da sala de aula, sem qualquer almofada ou tapete, meditativos, rezando ou escutando a leitura de livros sagrados. Houve breves recessos, mas uma onda de silêncio sagrado estava em todo coração e houve pouca conversação, sendo essa feita em tons baixos e suaves.

A atmosfera estava repleta de fervor. A última hora da oração havia chegado. Foi-nos dito que tudo aquilo que pedíssemos nesse momento culminante do dia, seria concedido. Eu não podia pensar em nada para pedir. Nenhum desejo entrava em meu pensamento, ou talvez apenas um: ver Sri Ramakrishna uma vez mais. O silêncio e a calma da sala de aula eram palpáveis e não se ouvia nem mesmo as respirações. Alguma coisa impeliu-me a abrir meus olhos e ali, na plataforma, entre

as muitas flores que das oferendas, estava a Presença Viva.

Era a mesma figura que havia surgido para mim em Boston, no entanto não tão igual, pois estava vestida num simples e longo envoltório branco, e tanto o corpo quanto o vestuário eram tão brilhantes, tão transparentes, que eu podia perceber, através dele, os detalhes da parede que estava por detrás. Mas o sorriso de Seu rosto era o mesmo e Dele irradiava o mesmo poder, a mesma bênção carinhosa. A figura permaneceu ali por alguns segundos e então se foi. Olhei ao meu redor. Todos os olhos estavam fechados. Será que ninguém mais havia visto?

II.

No outono entrei num curso de intenso treinamento espiritual. Exigia-se grande regularidade, dieta cuidadosa e, acima de tudo, uma resolução firme e inabalável. Eu programei meu dia da mesma maneira que um capitão de navio programaria sua viagem. Acordava cedo, comia pouco, tinha horas fixas para práticas espirituais e horas determinadas para as publicações de livros, que envolvia edição, datilografia e leitura de provas. Algum tempo era utilizado ao ar livre, outro na casa da sociedade, atendendo a pedidos de livros e outros negócios de publicação. Eu estava cheia de entusiasmo e confiança, mas em meu coração havia uma tristeza.

O treinamento que eu havia iniciado incluía a prática de postura, exercícios de respiração, exercício de concentração e um tema para meditação. Este último era a causa de minha tristeza. Havia sido meu hábito, antes de meu novo plano de vida, tornar o próprio Sri Ramakrishna o tema de minha meditação. O tema que havia sido dado, então, parecia seco e mecânico. Suportei-o por várias semanas. Então, fiz um apelo ao meu chefe da missão, que estava dirigindo meus estudos, e ele me deu seu consentimento imediato. Então voltei a minha velha forma de meditação.

Eu estava morando num apartamento agradável, não muito distante da sede da Sociedade. Nele eu havia montado uma pequena capela particular. Naquela noite eu entrei nela com nova ansiedade. Tomei meu lugar frente ao altar, fiz meus exercícios e estava apenas começando minha meditação, quando Sri Ramakrishna surgiu diante de mim. Não o Ramakrishna de Boston ou aquele do aniversário. Mas sim, uma figura colossal, feita de pura luz, com vestimenta cintilante. Muito atemorizada, prostrei-me diante dele, arrastei-me para mais perto e coloquei minha testa sobre seus pés. Não soube de mais nada. Quando voltei à consciência normal, descobri que havia estado deitada frente ao altar por mais de uma hora. O que ocorreu naquela hora, eu jamais saberei. Mas isso me deixou com uma nova visão no coração.

Na hora da meditação, na noite seguinte, Sri Ramakrishna surgiu novamente em sua forma usual, mas cercado de uma luz brilhante. Conforme olhei para ele com devoção e espanto, ele se desfez de seu corpo, como se fosse uma roupa, e ficou vestido de luz. Ele parecia, no entanto, menos impressionante do que em sua primeira vinda. Uma ternura muito sutil fluía como uma fragrância em redor, eliminando todo o sentimento de temor ou espanto.

Ele veio no terceiro dia, novamente na hora da prece. Se parecia mais com a fotografia do altar, que me havia mostrado quem era ele; mas seu corpo parecia apenas uma lanterna, na qual ardia uma chama radiante, enviando para fora fochos largos de luz. Nenhuma palavra foi dita, neste ou nos dias anteriores; mas o silêncio que havia era radiante e carregado de significado e eu havia aprendido que, vestido num corpo terreno, ou manifestado numa glória supraterrana, Sri Ramakrishna era uma Presença Viva, movendo-se entre os homens para ajudar e abençoar, guiar e proteger na plenitude de seu amor.

III.

Quatro meses mais tarde, em fevereiro, me foi pedido que preparasse um resumo dos pronunciamentos de Sri Ramakrishna. Deveria ser feito para o chefe da missão, que não tinha o tempo necessário para fazê-lo. Tarefa alguma teria sido mais agradável para mim. Dediquei-me a ela com todo ardor. Persegui, coluna por coluna, através de longos arquivos de velhos periódicos, buscando uma palavra ou uma sentença que tivesse saído dos lábios de Sri Ramakrishna e tivessem sido registradas nas reminiscências de alguém.

Li com todo cuidado várias coleções pequenas, algumas delas já esgotadas. Reuni todas as fontes possíveis e, assim, consegui juntar quase 700 pronunciamentos do Mestre. Colocar isso num livro em seqüência desordenada me parecia não ser inteligente. Decidi, portanto, classifica-los em capítulos com parágrafos marginais e, tanto quanto possível, arranja-los de modo a fazer uma leitura consecutiva.

Foi um trabalho longo e árduo, contudo, não queria deixá-lo nem por uma hora. Eu levantava de madrugada e trabalhava até altas horas da noite. Repassei os pronunciamentos, reunindo todos aqueles que poderiam pertencer a um capítulo ou a um parágrafo especial. Esta classificação não havia sido feita antes; assim, eu estava fazendo um trabalho pioneiro. Dia após dia, as palavras radiantes se aprofundavam em minha consciência. Eu caminhava em seu ritmo, comia com elas soando em meu pensamento, dormia com elas em meus lábios, estava consumida por elas.

Chegou a primavera. Aqui era abril e eu havia prometido ter uma nova coleção de pronunciamentos para imprimir antes do verão. A cópia final do manuscrito estava se aproximando de seu término. Eu estava trabalhando nele com muito entusiasmo, certa manhã, quando senti uma pancadinha no meu ombro. Eu estava sozinha no apartamento. Assim, pensei que alguma gota de umidade havia se condensado no ar e estava pingando. (Meu quarto era, na verdade, um estúdio). Levantei minha mão para limpar as gotas de água e prossegui com a datilografia. Novamente a pancadinha se repetiu. Não podia haver dúvida, era um toque "humano". Espantada, me virei rapidamente e vi

Sri Ramakrishna de pé, logo atrás de mim, do lado esquerdo. Se parecia com sua foto e estava impressionantemente vivo. Eu parecia sentir o calor de sua mão enquanto ela descansava sobre meu ombro. Nenhuma luz fluía dele, apenas a radiação de seu sorriso o tornava luminoso. Ele era, de modo dominante, uma presença humana viva. Permaneceu por um breve momento e então desapareceu.

Do mesmo modo que não é possível surpreender o desabrochar de uma flor ou folha (a planta ou árvore mantém seu segredo), assim eu jamais fui capaz de discernir como essa Presença vinha ou como partia. Repentinamente, ali estava ela e repentinamente partia. A maneira de sua ida a vinda jamais foi descoberta. As palavras do filósofo Avicenna descrevem melhor esse acontecimento: "Era como o brilho de um relâmpago brilhando sobre o prado e desaparecendo como se jamais tivesse surgido". Mas o brilho da Presença permanecia em seguida ao seu desaparecimento.

IV.

Minha vida tornou-se errante. Movimentei-me da Índia para a Califórnia com longos intervalos de pausa nos centros de trabalho da Ordem. Em 1923, Swami Paramananda fundou o Ananda Ashrama, nas colinas de Sierra Madre, próximo a Los Angeles. Foi estabelecido como uma extensão do Centro Vedanta de Boston, onde eu havia servido por alguns anos como assistente do Swami. Foi no mesmo trabalho que assentei residência no novo retiro.

Gradualmente, diversos edifícios foram levantados, dentre eles o templo majestoso dedicado ao Espírito Universal. Tomei o hábito de ir ao Santuário do templo para uma tranqüila hora de oração, depois que o pessoal havia se retirado para dormir. Assim foi que, numa noite, já tarde, subi os degraus para o terraço superior e abri a porta lateral do Templo. Ele parecia ser muito grande, muito escuro e muito calmo, quando entrei. Eu estava contente em fugir do silêncio, da vacuidade

exterior para o espaço mais protetor do Santuário interno, fracamente iluminado.

Ajoelhei-me diante do altar e principiei a repetir o nome sagrado. Eu não sei quanto tempo fiquei ajoelhada ali, quando, sem barulho algum e de maneira muito natural, as paredes atrás do altar se afastaram. Meus olhos pousaram sobre a visão das colinas além, sem qualquer surpresa ou espanto. Não me parecia, de modo algum, extraordinário que eu pudesse vê-las. Conforme meu olhar mudava de uma colina para outra, fui atraída por uma luz ardente no pico mais alto. No centro da luz, estava de pé a Presença Viva. Um longo manto a cobria, cuja cor foi neutralizada pela luz ardente; o rosto brilhava com uma fulgência supra terrena e, das mãos estendidas, derramava-se uma bênção radiante.

A figura permaneceu assim por um momento e então começou a descer em direção ao Templo. Não seguia as encostas íngremes da colina, mas se movia numa estrada de luz direta. Conforme se aproximava, eu podia perceber que a luz que criava a estrada, vinha dos seus pés. A Presença se movimentou nessa brilhante faixa de luz, majestosa, silenciosa, inspirando respeito, irradiando uma tal ternura e amor, que todo o sentimento de temor ou espanto se desfez.

Aproximou-se vagorosamente, alcançou o Templo, entrou no Santuário através das paredes abertas que se aproximavam e tomou seu lugar no lado direito do altar, com sua mão direita descansando sobre ele. A luz transfiguradora foi diminuindo e Sri Ramakrishna do topo da colina, tornou-se Sri Ramakrishna de seu corpo terreno. Ele se parecia com o homem que foi, caminhando entre os seres humanos. Ficou num silêncio sorridente por um instante e então começou a falar. O que ele pronunciou foi dito mais ao coração do que aos ouvidos, e era dirigido apenas para mim.

Já era muito tarde quando deixei o Santuário. A figura

permaneceu parada ao lado do altar e pelos quatro dias seguintes, sempre que eu entrava no Templo na hora do culto, eu a via ali, mais real e brilhante do que aqueles que se ajoelhavam em oração, ante a porta do Santuário. O Templo estava carregado do poder se sua Presença.

Vários anos se passaram entre esta vinda de Sri Ramakrishna e a seguinte. O intervalo é apenas na narrativa. Umas poucas experiências importantes poderiam ser incluídas nela. Traduzir em palavras a associação íntima da Presença com minha vida diária, seria impossível. A Presença protegeu-me com segurança, guiou meus esforços, envolveu-me com um amor que renovou, curou e enterneceu. Tudo que pedia como retorno, era a devoção de um humilde coração.

Eu ainda estava vivendo no Ananda Ashrama. As noites de inverno na Califórnia são frias e com freqüentes tempestades. Para evitar que eu me expusesse ao ocasional tempo inclemente, me persuadiram a não ir ao Templo tarde da noite. Ao invés disso, montar perto de meu estúdio, uma capela particular. O quarto escolhido para isso foi um dos três próximos ao lugar onde eu vivia. Havia servido, originalmente, como o Santuário da casa, antes que o templo fosse construído e havia deixado de ser utilizado desde que o Santuário foi transferido para o Templo.

A permanência de 10 anos na Europa havia me capacitado a ter muitas coisas para fazer numa capela tão linda. Dentre elas, havia uma tapeçaria na parede com vários séculos de idade, que tinha estado no arco de uma igreja espanhola. Fora tecida pelos monges de Salamanca e também bordada por eles. Até mesmo os fios do bordado fora o produto dos bichos da seda criados por esses monges. A tapeçaria havia sido feita para estar sempre em locais sagrados. A santidade a fartava e ela parecia pertencer ao local onde a colocamos, na parede por detrás do altar.

Quando a Capela foi terminada, estava tão linda, de uma beleza

superior e de tal poder, que eu não poderia mantê-la só para mim. Comecei a dividi-la com os outros. Aqueles que a viam pediam para trazer os amigos à porta. Outros ouviam falar a respeito dela e pediam o privilegio de vê-la. Assim muitos vieram, mas nenhum daqueles que permaneceram à sua entrada para um momento de prece silenciosa, deixou de agradecer-me com os olhos cheios de lágrimas, a bênção recebida.

Havia alguns dentre os moradores, no entanto, que me criticavam por mostrá-la tão livremente. Sentiam que um Altar particular deveria ser mantido apenas para uma única pessoa. O pensamento deles preocupava-me um tanto. Eu não queria, de modo algum, profanar algo tão sagrado para mim, como era a Capela. Tomei a decisão de deixar que um poder maior decidisse a questão.

Fui ao Templo e fiz um apelo para que me guiassem. Não recebi resposta alguma, mas quando abri a porta da pequena Capela, fiquei espantada ao encontra-la aparentemente vazia de seus pertences. Estava apenas a tapeçaria de parede. Diante dela estava Sri Ramakrishna, com seu rosto iluminado por aquele sorriso radiante, que parecia fazer parte integrante dele. Estendeu suas mãos num gesto de terna saudação e me falou: "Esta é a boa vinda que dou a todos que aqui vem". Eu sabia, agora, que todos que vinham a pequena Capela sentiam o poder de uma grande Presença.

V.

Bueonaventura, ao escrever sua obra "Vida de S. Francisco de Assisi", relata que quando S. Francisco recebeu os estigmas, ficou preocupado se deveria permitir que isso o tornasse conhecido. Chamou diversos de seus irmãos mais íntimos da Ordem e lhes pediu conselhos. Um deles, Illuminato, replicou: "Irmão, não apenas para seu próprio bem, mas para o bem de outros, os Mistérios Divinos foram revelados a ti. Portanto, não debes temer ocultar aquilo que recebestes para o

benefício de muitos”.

O Divino está presente em todo coração humano. Ele é parte eterna do homem. As forças da Natureza devem estar sob seu comando, pois que para o Divino, todas as coisas são possíveis. Porque, então, não poderia ele tomar forma como uma Presença Viva e tornar-se companhia diária do devoto, que pela intensidade da devoção, o chama? Ele pode surgir em diferentes formas, pode ter nomes diferentes, pode vir de diferentes maneiras. Isso é determinado pela concepção do devoto quanto à Divindade. Mas que ele vem, não pode haver dúvida nenhuma.

Para Santa Teresa da Espanha, veio como Cristo. Para Sri Ramakrishna, como a Mãe do Universo. Para Paulo, foi a Voz na estrada para Damasco. Para os Zelanti, ou “dedicados” da primitiva Irmandade dos Franciscanos, tomou a forma de Anjos ou do Crucificado. Para mim, a mais modesta visão surgiu como Sri Ramakrishna. Não porque eu havia abandonado o Cristianismo, mas porque Sri Ramakrishna, com o seu fervor, havia tornado as crenças religiosas e o Deus único por detrás delas, mais reais e vitais para mim.

Eu jamais tentei analisar ou explicar a experiência registrada nestas páginas. Um estudo de matemática pura e de recentes descobertas na Física e Astronomia, haviam me ensinado que, além de toda dúvida, existem leis e forças mais sutis do que aquelas perceptíveis aos nossos sentidos, ou até mesmo para o sexto sentido. Num universo tão bem ordenado e altamente evoluído como no que vivemos, até mesmo o mais aparentemente impossível pode se tornar possível.

A aparição ou desapareção de uma Presença Viva pulsante não é mais um milagre oculto, como também não o é o funcionamento do corpo humano, ou o crescimento de uma árvore grandiosa que surge de uma semente minúscula, ou o desabrochar de uma flor numa colina árida. A

Natureza não precisa quebrar uma lei para executar seus milagres. Ela apenas tem que obedecer a uma lei mais sutil. Pode parecer que ela desafia o visível, mas é apenas para chamar à obra, um agente invisível mais efetivo.

Toda vida é um milagre. Até mesmo nossos enganos têm um elemento miraculoso, pois que, através deles, sabemos que de outro modo jamais aprenderíamos. O futuro é um mistério a ser descoberto. O presente é um outro mistério que nos foge antes mesmo que possamos por nossas mãos nele. As obras da Natureza permanecem sempre misteriosas. Ela constrói seus laboratórios nos locais ocultos aos quais apenas ela tem acesso.

Os cientistas estão pressionando-a duramente. Conforme eles a forçam a se revelar, descobrem que devem lidar, ao mesmo tempo, com os imensuráveis anos-luz de um lado, no espaço, e os infinitesimais prótons e elétrons do outro, na matéria. A Astronomia e a Física estão em processo de completo reajustamento. As concepções de tempo, espaço, distância, éter, da constituição e alteração dos corpos celestes, tudo isso está em suspenso. Nesta organização ampla e abarcante, sem dúvida alguma será encontrada a solução para muitos fenômenos inexplicáveis e inaceitáveis até o presente.

Os fundamentos ou alicerces da criação estão sendo reduzidos a partículas cada vez menores; forças cada vez mais sutis estão sendo liberadas. A ciência está se aproximando mais do reino do espírito. O sutil age silencioso e rapidamente, penetra facilmente, cria formas e as dissipa com rapidez. Porque, então, não seria possível que Cristo surgisse nos campos de batalha de Flandres, o que foi visto por muitos? Ou a luz que cegou S. Paulo, não poderia conter uma presença sagrada que lhe falasse? Ou em ser celestial colocar as feridas do Cristo nas mãos e pés de S. Francisco?

O homem está descobrindo mais e mais da vida. Não está muito

distante o tempo em que ele descobrirá o que é a morte, não pelas demonstrações e manifestações psíquicas triviais, nem pelas provetas ou pelo microscópio, mas pela revelação de leis mais sutis. Ao observar a ação dessas leis, ele aprenderá que não é de maneira alguma contrário à Natureza que uma Grande Alma, altamente espiritualizada e iluminada, possa caminhar na Terra, seja em carne ou em espírito, mas uma Presença Viva entre os homens.

(*Vedanta Kesari*, fevereiro 1936 – publicação original)

© Centro Ramakrishna Vedanta, Curitiba